



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

POLIANA SILVEIRA FONTELES

**RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO
“SERTÃO DE LEITURA. VAI VIRAR MAR”: UMA PROPOSTA DE RODA DE
LEITURA COM JOVENS DO MEIO RURAL**

**SOBRAL
2022**

POLIANA SILVEIRA FONTELES

**RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO
“SERTÃO DE LEITURA. VAI VIRAR MAR”: UMA PROPOSTA DE RODA DE
LEITURA COM JOVENS DO MEIO RURAL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Isaurora Claudia Martins de Freitas.

SOBRAL - CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F762r

Fonteles, Poliana.

RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “SERTÃO DE LEITURA. VAI VIRAR MAR”: : UMA PROPOSTA DE RODA DE LEITURA COM JOVENS DO MEIO RURAL / Poliana Fonteles. – 2022.

58 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Isaurora Claudia Martins de Freitas. .

1. leitura. 2. juventudes. 3. ruralidades. 4. subjetividade. 5. projeto literário. I. Título.

CDD 302.5

RESUMO

A leitura é um ato de partilha e de associação, que, conduzida de maneira que atinja as vidas dos sujeitos em caráter reflexivo de aprendizagem, pode trazer benefícios imensuráveis na formação da subjetividade dos jovens, sobretudo em jovens que estão inseridos no meio rural, onde as oportunidades de acesso a livros e demais bens culturais geralmente são escassas. O presente trabalho objetivou conhecer a realidade dos jovens rurais da localidade de São Gonçalo, no município de Bela Cruz (CE), identificando a relação com a leitura e gerando dados, os quais subsidiaram o desenvolvimento de um projeto de intervenção destinado à formação de jovens leitores no meio rural, baseado nas teorias de Paulo Freire, focando no trabalho de habilidades como a autonomia e o protagonismo juvenil, tendo em vista a concepção da leitura como prática de liberdade e emancipação humana. Para tanto, inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória, através da aplicação de um questionário online. Os participantes foram jovens com idades entre 15 e 19 anos, estudantes do ensino médio da localidade de São Gonçalo. Em meio a condições socioeconômicas adversas, os jovens inseridos em meio rural demonstram ao mesmo tempo seu desejo de migração e a vontade de permanecer em seu local de origem, em decorrência das relações de afeto e do sentimento de pertença. No que se refere à leitura, a maioria revelou não ter desenvolvido o gosto por esta prática, mas, por outro lado, expressou o desejo de participar de algum projeto relacionado à leitura. Portanto, utilizando-se destes dados, foi possível criar um projeto literário de intervenção voltado, em específico, para a juventude em contexto rural, assim em um segundo momento da pesquisa o projeto, previamente estruturado, foi aplicado passo a passo e analisado, validando sua exequibilidade e importância de aplicação.

Palavras-chave: Juventudes; ruralidade; leitura e subjetividade.

ABSTRACT

Reading is an act of sharing and association which conducted in a way that affects the lives of subjects in a reflexive way of learning, can bring immeasurable benefits in the formation of young people's subjectivity, especially in young people who are inserted in rural areas, where Opportunities to access books and other cultural assets are generally scarce. The present work aimed to know the reality of rural young people in the locality of São Gonçalo, in the municipality of Bela Cruz (CE), identifying the relationship with reading and generating data, which subsidized the development of an intervention project destined at training young people readers in rural areas, based on Paulo Freire's theories, focusing on the work of skills such as autonomy and young people protagonism, in view of the conception of reading as a practice of freedom and human emancipation. For that, an exploratory research was initially carried out, through the application of an online questionnaire. The participants were young people aged between 15 and 19 years old, high school students from São Gonçalo. In the midst of adverse socioeconomic conditions, young people living in rural areas demonstrate at the same time their desire to migrate and their willingness to remain in their place of origin, as a result of the relationships of affection and the feeling of belonging. With regard to reading, most revealed not having developed a taste for this practice, but on the other hand, expressed the desire to participate in some project related to reading. Therefore, using these data, it was possible to create a literary intervention project back to, specifically, at young people in a rural context, thus, in a second moment of the research, the project previously structured, was applied step by step and analyzed, validating its feasibility and importance of application.

Keywords: Youth. Rurality. Reading and subjectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 CARACTERÍSTICAS DAS JUVENTUDES RURAIS	7
2. OBJETIVOS	9
3. JUSTIFICATIVA PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO	10
4. REFENCIAL TEÓRICO.....	10
5. MÉTODO.....	11
6. RESULTADOS.....	17
6.1 A PRÁTICA DA LEITURA CONTEXTUALIZADA.....	17
6.2 O SERTÃO virou mar: Círculo de leitura com juventude em contexto rural	19
6.5 PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO E OS IMPACTOS “MUITO ALÉM DA LEITURA”	22
6.6 BENFEITORIAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta o processo de construção de um projeto de intervenção com jovens em contexto rural, cujo instrumento principal é a leitura literária. Para tanto, se propôs a conhecer os modos de vida e a relação com a leitura dos jovens de São Gonçalo, localidade do meio Rural do Município de Bela Cruz (CE), a qual fica localizada às margens do rio Acaraú, a 230 km de Fortaleza, Capital do Ceará. Assim, tornando possível descrever as experiências de leitura literária, considerando a subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como o contexto socioeconômico em que estão inseridos, entendendo que o livro literário pode se transformar, a depender do manejo e dos sentidos que lhe são atribuídos, em um instrumento de mudança social poderoso, tendo em vista que o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. (FREIRE, 1982, p. 09).

Segundo Menezes, Stropasolas e Barcelos (2014), embora a pobreza e a extrema pobreza tenham reduzido no Brasil, a região nordeste ainda tem o maior índice em comparação com o restante do país. O problema sobre o qual se estrutura esta investigação é que de acordo com dados do IBGE (BRASIL, 2011), o percentual de analfabetismo na zona rural do Brasil é de 21,2%. Em contrapartida, nas zonas urbanas, a taxa é de 6,5%. A taxa de distribuição de trabalhos agrícolas na zona rural por classes de hora de trabalho semanal é maior entre as mulheres, sendo 34,4% na idade de até 14 anos e de 44,8% de mulheres com idade entre 15 e 39 anos (DIEESE, 2011). A atenção dada a essa população, em termos de políticas adaptadas para essa realidade, deve ser efetiva, porém, segundo Oliveira Jr e Prado (2013), a juventude rural tem sido privada de políticas públicas específicas.

1.1 CARACTERÍSTICAS DAS JUVENTUDES RURAIS

De acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), são considerados jovens os sujeitos com idade entre 15 e 29 anos. Quanto ao conceito de juventude, a partir de uma visão sociológica, baseada em autores como Bourdieu (1983) e Machado Pais (2003), é que pensamos aqui em uma juventude distante da concepção marcada apenas como fase de vida, entendendo que não é possível enquadrar este conceito em uma noção pré-formada, tendo em vista que a juventude é uma categoria plural e heterogênea, em constante transformação social. Não existe uma única juventude, pois são várias as formas de vivenciar essa fase de vida, que é definida

em termos etários, mas é marcada pelas demais pertencas: gênero, raça, classe, etnia, território etc. Dentro da própria categoria de juventude rural, existe uma pluralidade de outras que compõem este meio, “jovens assentados, jovens trabalhadores agrícolas, jovens empresários rurais, jovens sem-terra, jovens estudantes rurais, dentre outras são utilizadas para designar empiricamente as juventudes rurais”. (FREITAS, 2009, p. 3).

1.1. MOTIVAÇÕES E PANORAMA SOCIAL

A leitura, como categoria importante nesta pesquisa, sempre esteve presente em minha vida, até o presente momento me mantenho inteiramente fascinada pelo ato e pela influência positiva que a leitura pode causar nas pessoas. Esse amor pela leitura precisava ser dividido, assim, surgiu a ideia de criar, no ano de 2015, projetos literários na cidade em que habito, junto com amigas que partilhavam o mesmo desejo. Damos ao projeto o nome de “Cookies e Borrões”, fazendo analogia ao “Floreios e Borrões” do Livro de Harry Potter, de J.K Rolling. Os projetos literários que desenvolvemos tomaram uma enorme proporção, fazendo parte da cidade como se sempre estivesse ali desde sua fundação.

A ideia de propor algo semelhante na zona rural, se deve ao fato de que em 2017 fui técnica de referência de um programa do Governo Federal voltado para os jovens do município, e percebi que o mesmo formato de projeto que era viabilizado para jovens urbanos vinha para os jovens em contexto rural. Assim, entendendo a pluralidade das juventudes, bem como compreendendo a leitura como agente transformador, foi que o projeto que me propus a desenhar se moldou, por seu caráter transformador e dinâmico, com grande potencial para mudar vidas.

1.2. PECULIARIDADES DO CONTEXTO RURAL

O contexto rural há muito carrega o estigma de espaço periférico, atrasado e residual, diferente do urbano cujo contexto marcado pela presença de indústrias e pela oferta de serviços diversos, inclusive, culturais, seria visto como fonte de progresso e modernidade. Essas marcas, que atravessam a compreensão do termo rural, foram frutos da Revolução Industrial, que modificou as estruturas econômicas, sociais e políticas da época, a agricultura e o rural foram perdendo sua importância, pois não mais rendiam tanto quanto as indústrias no meio urbano (PONTE, 2004). Porém, atualmente, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento (MAPA), o agronegócio responde por quase um quarto do PIB brasileiro, portanto, tendo uma grande importância econômica, muito embora o rural e as questões a ele relacionadas sejam inviabilizados na nossa sociedade.

Existem alguns pontos chave para se pensar as juventudes em contexto rural. De acordo com Oliveira Junior e Prado (2013), o fato de o jovem em contexto rural ser, na maioria das vezes, filho de pequenos agricultores faz com que seus dilemas sejam frutos da sua pertença a essa forma de produção econômica e modo de vida particular. Entende-se que os jovens rurais não apenas residem em seu contexto, mas que vivenciam esses espaços e participam da produção de caráter familiar, tomando espaços deliberados culturalmente (KUMMER; KOLOGNESE, 2013). Segundo Leite e Dimenstein (2017), é inegável a escassez de investigação e estudos científicos em populações rurais. Portanto, desponta a relevância deste estudo, tendo em vista a importância para o meio acadêmico e social, pois se debruça sobre esta população, especificamente através dos jovens, trazendo à tona as vulnerabilidades psicossociais desses territórios, suas particularidades socioambientais, psicológicas, econômicas e culturais com vistas a propor um projeto de intervenção voltado à formação de leitores.

Os estigmas voltados para o rural atravessam esse contexto até os dias de hoje, assim, é preciso que existam pesquisas acadêmicas, políticas públicas e projetos (de extensão, de pesquisa ou governamentais) voltados para a população rural, com um olhar ampliado e heterogêneo, tendo ciência de suas particularidades e potencial de desenvolvimento, sem ignorar as relações de troca recíproca e influência mútua que o campo e a cidade possuem. Segundo Cidade (2019), a diversidade dos setores rurais é oriunda dos vários tipos de cenários rurais, de culturas, de pessoas. Cada território tem sua particularidade e especificidade, devendo ser entendido e analisado de forma plural e dinâmica, sem preceitos advindos de etiologias universais.

Aqui está fundamentada uma proposta de desenvolvimento e implantação de um projeto literário que aconteça em meio aos jovens de uma comunidade rural a fim de fomentar o protagonismo juvenil, adotando como categorias fundamentais a subjetividade e o meio. Consiste, portanto em um relatório técnico que traz em si os frutos obtidos ao longo da pesquisa e implementação do projeto.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Promover o diálogo e o protagonismo juvenil, levando em consideração a subjetividade de cada jovem.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Dar maior visibilidade e incentivar a prática da leitura com os jovens do meio rural;
- Trabalhar o protagonismo e a subjetividade como forma de transformação social;
- Contribuir para a formação técnica e

3. JUSTIFICATIVA PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO

Compreendendo a leitura como uma prática de liberdade e de emancipação humana, a pesquisa-intervenção aqui apresentada teve como propósito subsidiar a criação de um projeto social voltado para a formação de jovens leitores no meio rural com o propósito de desenvolver habilidades e potencialidades através dos livros lidos com técnicas específicas que serão apresentadas mais adiante.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Gonçalves (2014), a partir da relação que se tem com a leitura, especialmente com a ficção, estabelece-se uma infinidade de possibilidades de vida, que nos ajudam a compreender nossa existência, a moldar quem somos, a partir da relação que fazemos entre nossas vidas e as vidas que nos atravessam nos livros lidos, se superpondo com nossa formação humana. Os processos envolvidos na leitura são muito maiores que apenas a decodificação de símbolos através do encontro dos olhos com as letras, pois existem outros elementos fundamentais, que seja, os conhecimentos que temos a priori e a memória, somados com nossa capacidade de absorver informações e fazer associações imediatas. (LIMA, 2016).

“No encontro com a leitura, ou com as artes em geral, os indivíduos têm a possibilidade de ampliar, transformar ou enriquecer, sua própria experiência de vida” (GUIMARÃES, 2016, pg. 46), tendo em vista que o leitor é o sujeito agente no ato da leitura, de forma subjetiva ressignifica sua história se mesclando à história descrita. De acordo com Cosson (2020, p. 36), mestre em teoria da literatura, “ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece

laços entre o leitor e o mundo e os outros leitores”, ou seja, ler além de um ato individual, também é um ato coletivo, tendo em vista que passo a fazer parte de uma comunidade, no sentido de que na literatura nunca se está sozinho, tendo em vista que criamos laços subjetivos estabelecidos com outras existências de tempo-espacos diferentes. A leitura deve ser um ato de compartilhamento, partilha e associação (COSSON, 2020).

Tendo isso em vista, a proposta metodológica de intervenção se utiliza de autores como Paulo Freire (1991), que propõe os círculos de cultura, e André Lèvy (2001), no que refere ao método História de Vida. O ato de ler em círculo, em voz alta, relacionando o texto literário a suas histórias de vida, suas partilhas de experiencias, configura uma interlocução de identificações, contribuindo para a formação da identidade e subjetividade. As vidas das juventudes residentes em meio rural necessitam e devem ser contadas, tocadas e compreendidas, tendo em vista a história de exclusão cultural e social a que estão submetidos os que não habitam as zonas urbanas onde, geralmente, concentram a oferta de equipamentos culturais, como, por exemplo, as bibliotecas e teatros.

5. MÉTODO

Para alcançar tal objetivo, optou-se pela pesquisa qualitativa, de cunho exploratória, a qual o pesquisador também se insere em campo. Segundo Minayo (2010), se propõe a responder questões particulares, indagando acerca de uma realidade que não deve ser quantificada, tendo em vista que se propõe a trabalhar um significativo mundo de motivos, de valores, de crenças, de atitudes e de aspirações. O que é peculiar nesse tipo de método é que a fonte de dados que nos propomos a coletar é o ambiente natural, o contexto no qual os sujeitos da pesquisa estão inseridos, pois o que é valorizado é o processo e não apenas o resultado. Há, de acordo com Neves (1996), um aprofundamento, no sentido de compreender um determinado fato, dentro de um contexto que, inevitavelmente, nos colocamos. Dessa forma, passamos a observar e participar, o que muitas vezes resulta por transformar nossa visão de mundo. Contudo, como se trata de uma pesquisa cujo caráter também é de intervenção, amparamo-la na pesquisa-ação, tendo em vista que esta é “uma intervenção social que não se limita apenas em descrever e teorizar sobre um problema social do cotidiano real das pessoas, mas em resolvê-lo, efetivamente, enquanto uma prática-teoria que transforma a realidade.” (MELO; FILHO; CHAVES, 2016, p. 156).

Segundo Weller (2006), a pesquisa com grupos de jovens de contextos que diferem dos do pesquisador, requer cuidado e exatidão nos procedimentos e nos métodos escolhidos na coleta de dados, objetivando reduzir os riscos de interpretações equivocadas. Portanto, foi feito um planejamento minucioso, respeitando os espaços e dialogando com os modos de vida.

A metodologia de trabalho empregada obedeceu ao desenvolvimento de três etapas de obtenção de dados. A primeira etapa constitui-se de uma pesquisa exploratória, a qual se destinou, inicialmente, a conhecer o perfil dos jovens, seus anseios e a relação com a leitura para, em seguida, criar uma proposta de incentivo à leitura que esteja mais de acordo com a realidade deles. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo criar uma maior intimidade com o problema, bem como aperfeiçoar as ideias inerentes ao problema e objeto pesquisados. Portanto, foi feita a aplicação de um questionário digital, a fim de conhecer o perfil socioeconômico dos jovens, investigar a relação deles com a leitura e o interesse dos sujeitos por um projeto de leitura, bem como para conhecer seus modos de vida e interesses.

A etapa seguinte, foi o desenvolvimento de uma metodologia de intervenção literária para círculos de leitura com jovens pertencentes ao meio rural, na qual desenvolveria habilidades psicológicas e sociais.

Por fim, a terceira etapa desta pesquisa, foi a aplicação do Piloto do Projeto de Intervenção, com um grupo de jovens da localidade de São Gonçalo com o objetivo de testar a referida metodologia e coletar as impressões dos jovens sobre ela, a fim de elaborar uma cartilha voltada ao seu repasse para profissionais interessados neste tipo de trabalho. Importante salientar, que por alguns dos participantes serem menor de idade, foi solicitada a autorização dos responsáveis para que os jovens participassem da pesquisa-intervenção, através da obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O presente texto, além dessa introdução, possui dois capítulos: um primeiro capítulo contendo os resultados da pesquisa exploratória, ou seja, a análise do questionário digital aplicado com os participantes; um segundo capítulo relatando a experiência da aplicação de um projeto literário no meio rural, bem como o impacto e as impressões dos jovens sobre o mesmo. Em anexo, está a cartilha elaborada para fins de repasse da metodologia aplicada no projeto literário.

5.1 CENÁRIO

O cenário rural escolhido para esta pesquisa, é uma localidade da cidade de Bela Cruz, no estado de Ceará, região do vale do Acaraú, que comumente é conhecida como São Gonçalo.

Bela Cruz fica a 230km da capital Fortaleza. De acordo com os dados do IBGE (2016), Bela Cruz tem população de 32.243 habitantes, sendo que 57,9% da população reside na zona rural. Desses, 21,1% são jovens entre 15 e 24 anos. Na zona rural, 25% da população tem rendimento nominal *per capita* de até R\$ 38,00, dado que os situa abaixo da pobreza extrema. A cidade é formada por 127 localidades e um Distrito. Dentre eles, a localidade de São Gonçalo, a qual fica a 20 km da sede, cuja principal atividade econômica é a agricultura, por meio da produção de castanha de caju, mandioca, milho, feijão, batata-doce, melancia e carnaúba.

São Gonçalo tem uma população de aproximadamente 2.280 habitantes. De acordo com o sistema de Consulta, Seleção e Extração de Informações do CadÚnico (CECAD, 2020), 811 pessoas são beneficiários do Programa Bolsa Família, com 211 famílias cadastradas, destas, 179 estão em situação de extrema pobreza.

A localidade de São Gonçalo dispõe de três escolas, uma de Educação infantil até o 5º ano fundamental, uma com fundamental II do 6º ao 9º ano e, por fim, uma escola de Ensino Médio profissionalizante. As bibliotecas existentes na comunidade são todas atreladas às escolas e o acervo de livros é escasso. As áreas de lazer se resumem à praça da igreja e a um campo de futebol feito pelos moradores. Daí a importância de um projeto com caráter transformador voltado para jovens em contexto rural.

5.2 AMOSTRA E PESQUISA

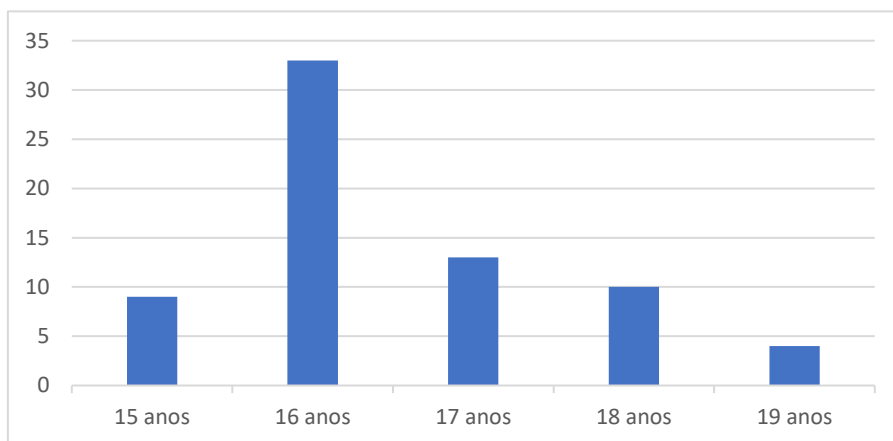
Apresento neste tópico a primeira parte da pesquisa, fruto das primeiras observações e da aplicação de um questionário digital, assim, obtendo dados de habitação, renda familiar e relação desses jovens com a leitura e com a comunidade, os quais foram essenciais para entender e conhecer a juventude da Zona rural de Bela Cruz (CE), bem como facilitar a seleção dos jovens do projeto literário.

A escola da localidade de São Gonçalo escolhida como campo desse primeiro momento foi a *Escola Professora Theolina De Muryllo Zacas Eem*, por ser uma escola de ensino médio e de atender alunos de diferentes localidades. A escola em questão tem 260 alunos matriculados, dentre eles 80 não tem acesso nenhum à internet, dos 180 com acesso à internet, 69 responderam ao questionário *online*.

A intenção, a princípio, seria que a aplicação do questionário fosse feita de forma presencial, porém, devido à pandemia do Coronavírus, o qual trouxe a necessidade do distanciamento social, teve-se que rever a metodologia da pesquisa e, por isso, os questionários foram enviados por e-mails e WhatsApp, com a ajuda de diretores, coordenadores e professores.

Foram respondidos 69 questionários, 49 mulheres e 20 homens, com idade entre 15 e 19 anos (Gráfico 1), como ilustrados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Faixa Etária



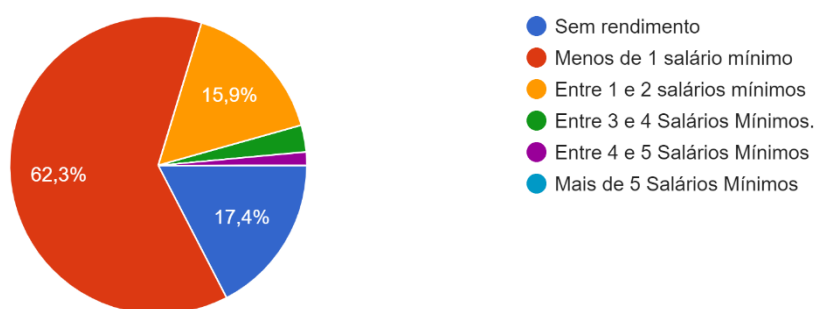
Fonte: Elaborado pela autora.

Na localidade 66,7% dos jovens afirmam gostar de morar em sua comunidade, enquanto que 24,6% pretendem ir embora assim que possível, o que reflete a possibilidade de que esses jovens continuem sendo parte e contribuindo em sua comunidade, para tanto, é preciso que haja políticas públicas que fortaleçam esse sentimento de pertença e que deem garantia de um futuro promissor. Os jovens apontam ainda como pontos positivos de se morar na localidade: a tranquilidade; o fato de todos se conhecerem; e a união entre os moradores.

Portanto, os jovens ficam entre construir um projeto individualizado, que se expressa na vontade de mudar de vida, de construir um futuro que difere de seu atual contexto, e o compromisso com a família e a comunidade. A renda predominante nas famílias dos jovens entrevistados advém da agricultura, 90% dos pais dos alunos entrevistados são agricultores, assim, ao mesmo tempo em que expressam seu afeto e satisfação com a comunidade e com a forma como vivem, ao serem perguntados sobre os planos após o ensino médio é unânime o desejo de um “futuro melhor”, não estando diretamente ligado ao trabalho no campo. Ou seja, “cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, veem sua autoimagem refletidas no espelho da cultura "urbana", "moderna". (CARNEIRO, 1998, p.2). Portanto, não há exatamente uma negação de seu contexto, mas resulta em uma disparidade de quererem ao mesmo tempo estar no campo, porém com comportamentos e modos de vida advindos do meio urbano. Essa percepção implica na formação de uma nova identidade, que perpassa desejos e vontades próprios dessa disparidade.

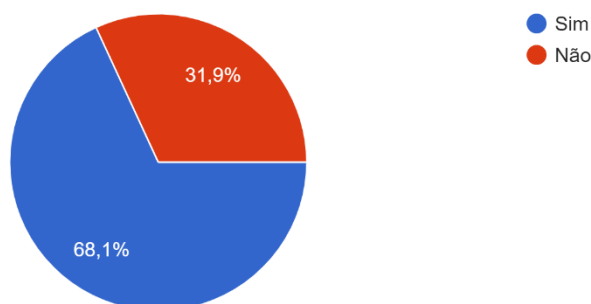
É preciso compreender a juventude rural como categoria mais abrangente, voltar-se para as singularidades dos sujeitos, junto às privações materiais, que estão ligadas às condições socioeconômicas e à falta de acesso da população aos benefícios sociais, os quais são capazes de promover condições materiais e sociais que resultem na participação dos sujeitos perante bases legítimas da sociedade (SILVA; FEITOSA; NEPOMUCENO, 2016). Os gráficos abaixo elucidam essas disparidades na condição de renda dos jovens de São Gonçalo:

Gráfico 2 - Renda Familiar



Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Gráfico 3 - Beneficiários do Programa Bolsa Família



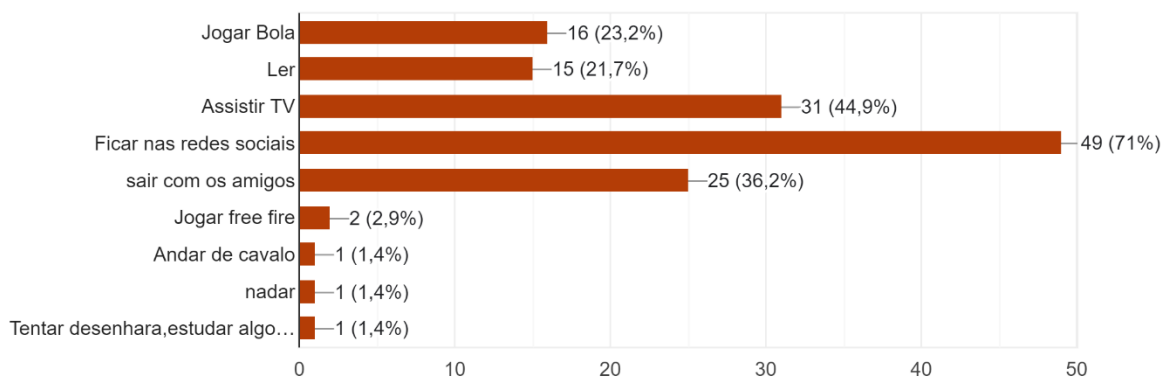
Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Não se pode negar as dificuldades e privações ainda presentes na zona rural, 62,3% dos jovens entrevistados vivem com menos de um salário mínimo (Gráfico 2), 68,1% recebem bolsa família (Gráfico 4), 46,4% das mães dos alunos mal concluíram o ensino fundamental I. 21,7% dos pais não estudaram, 33,3% não concluíram o ensino fundamental, em números apenas dois

dos pais concluíram o ensino médio. É possível entender que a replicação dos modos de vida da geração, a priori, não sejam atraentes para os jovens em questão, assim, o desejo de transformar essa realidade e enfrentar a condição adversa é justaposta aos projetos de vida almejados, que contrapõem o rural e o urbano, ou formam uma síntese desses dois mundos. É o “ideal rurano”, do qual nos fala Carneiro (1998).

Os jovens em contexto rural desenvolvem modos de enfrentamento à sua condição adversa, a depender de seus modos de vida, da relação que têm com o ambiente e até mesmo com a imagem que têm de si. Portanto, “a juventude, quando inserida em situações de privação, desenvolve formas alternativas de vivenciar sua condição juvenil.” (CIDADE; SILVA; XIMENES, 2006, p. 313). Muitos das atividades de lazer descritas no questionário estão relacionadas aos amigos e a comunidade, que seja: jogar bola, encontro na pracinha com os amigos, banho de açude, visitar os amigos, comunidades religiosas, a própria escola, entre outros (Gráfico 4). Portanto, formando um conjunto de fatores que potencializam o desenvolvimento desses sujeitos e os impulsiona a desejar, sonhar com uma vida melhor, que atrele diferentes realidades.

Gráfico 4 - Atividades de lazer



Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Nessa perspectiva, identificar as variáveis que incitam a legitimação dos jovens como atores sociais e políticos se insinua como etapa significativa para as transformações que tanto responsabilizam a juventude, tendo em vista que “o jovem é associado a futuro e à transformação social” (CASTRO, 2009. p. 4). Portanto, é preciso que estes sejam agentes ativos, atentos ao seu papel de agente de mudança e renovação ininterrupta, no que tange ao protagonismo juvenil, que se consolida como tema que estabelece uma perspectiva de empoderamento do jovem (STAMATO, 2008).

6. RESULTADOS

Para que esse desenvolvimento ocorra, é que estabelecemos como um dos instrumentos dessa transformação subjetiva, a prática da leitura. Na pergunta do questionário “Na possibilidade de existir em sua comunidade um *projeto de leitura* voltado para jovens, você participaria?” 78,3% dos jovens responderam que sim, que participariam de um projeto de leitura na comunidade. Tendo em vista que apenas 44,9% dos jovens se dizem gostar de ler, esse número de aceitação ao projeto mostra que apesar de não terem desenvolvido o gosto por essa prática, o desejo de se tornar um leitor, assim como fazer parte de um grupo social é bem maior. Assim, estabelecemos a leitura como principal recurso na metodologia empregada nas ações do projeto social de intervenção que atravessa o objetivo dessa pesquisa, tendo em vista a concepção da leitura como prática de libertação e emancipação humana. Segundo Gonçalves (2014, p. 31),

Pela leitura da Literatura, experimentamos dialogicamente os fenômenos sociais. Por um lado, ela não confirma uma experiência ingênua ou sempre direcionada para o bem. Por outro, não nos aproxima do tortuoso, do provocativo ou do negativo apenas. Por ser a incerteza a sua marca mais emancipadora, ela transborda para nós diversas possibilidades de contato com o humano, servindo de ponte para a compreensão de alguns dos diversos fragmentos que compõem a realidade.

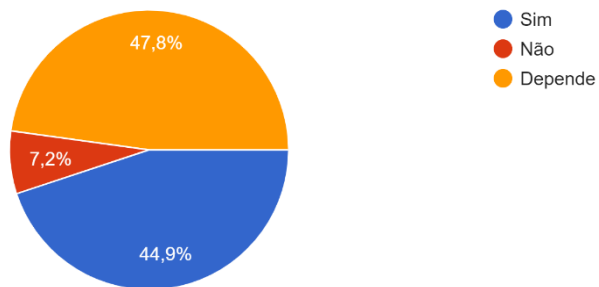
6.1 A PRÁTICA DA LEITURA CONTEXTUALIZADA

A leitura inserida no contexto dos jovens sujeitos pode trazer transformações imensuráveis, ao serem questionados sobre a prática da leitura, 44,9% dos jovens se dizem gostar de ler (Gráfico 5), 24,6% se consideram leitores de fato (Gráfico 6), porém ao serem indagados sobre a importância da leitura 91,3% (Gráfico 7) responderam que sim, que acham que a leitura é importante. Por motivos diversos (gráfico 8) tais como: não conseguem se concentrar (52,6%), não tiveram incentivo (10,5%) e preferem assistir tv (5,3%), foi abrandado as chances de que o hábito da leitura se alojasse no cotidiano desses jovens.

Gráfico 5 – Gosto pela leitura

1. Você Gosta de ler?

69 respostas

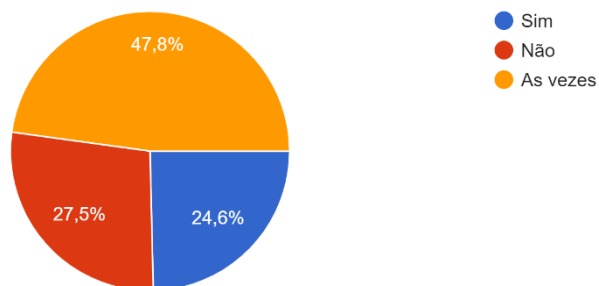


Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Gráfico 6 – Visão de si como leitor

3. Você se considera leitor?

69 respostas

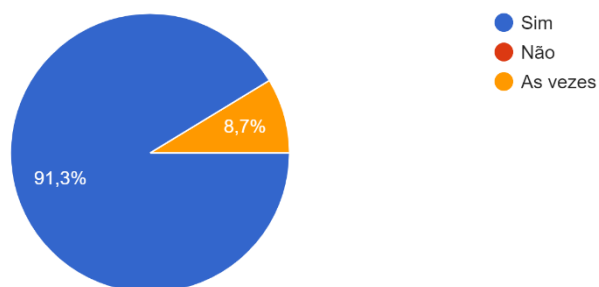


Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Gráfico 7 – A importância da leitura

2. Você acha que ler é importante?

69 respostas

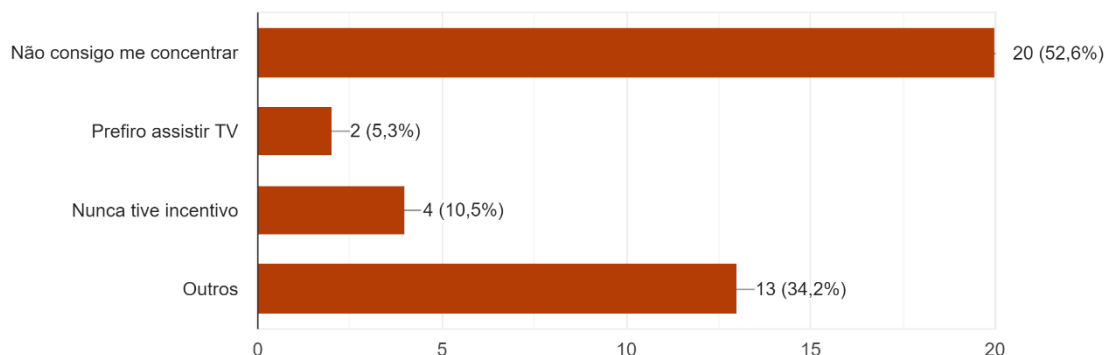


Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Gráfico 8 – Motivos de não gostar de ler

1.1 Se NÃO gosta, por qual motivo não gosta de ler?

38 respostas



Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

6.2 O SERTÃO virou mar: Círculo de leitura com juventude em contexto rural

A juventude é uma categoria histórica, que vai se modificando através do tempo. Para Viana, Rodrigues e Araújo (2011), o conceito de juventude foi instituído a partir de ideais de existência, como a potência de vida e inovações. Esses ideais foram criados no século XVIII, época de ascensão da burguesia a qual delimitava suas condutas e valores sociais. Portanto, esperava-se que os jovens fossem ponte para a evolução e o desenvolvimento de uma nação. Não se pode pensar na categoria juventude sem pensa-la em sua pluralidade, juventudes seria o termo correto para abarcar a infinidade de modos de vivenciar essa forma de vida, sem que seja definida apenas em termos etários.

De acordo com Canevacci (2005), a formação das culturas juvenis não se esgota, por isso, ele criou o termo “jovens intermináveis”, ou seja, um sujeito plural, em movimento, que é perpassado por um conjunto de variáveis como a mídia, a cultura do consumo e o próprio contexto em que vivem, de forma descentrada. “Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações” (PAIS, 1990, p. 149). Nesse sentido, é que se fala de juventudes e culturas juvenis para mostrar que a categoria jovem deve ser pensada como diversa e heterogênea. Entendendo que dentro da categoria ‘jovem em contexto rural’ existe uma pluralidade de subcategorias, assim, após a análise exploratória, levando em consideração os resultados obtidos foi criado um projeto social de intervenção, mediado pela leitura e que atendesse as demandas existentes dos jovens do meio rural do município de Bela Cruz (CE), São Gonçalo. Não se pode pensar na categoria juventude sem pensa-la em sua pluralidade, juventudes seria o termo correto para

abarcam a infinidade de modos de vivenciar essa forma de vida, sem que seja definida apenas em termos etários.

De acordo com Freitas (2009) o rural não pode ser pensado como um espaço predominantemente agrícola, pois existem outras formas de renda, assim como relações sociais e culturais que atravessam o meio rural, tornando-o cada vez mais heterogêneo e diverso. O que se pode atribuir a essas transformações e diversificação cultural, econômica e social, seria a nova forma dos jovens de ver o mundo e a si mesmos, influenciados pelas relações cada vez mais estreitas com o meio urbano, através da mídia, redes sociais e o contato direto com o urbano. A importância de compreender o meio rural de acordo com Ponte (2004) vem da necessidade de pensar em políticas públicas para o campo, que possam contemplar as particularidades e singularidades deste meio.

Por muito tempo o rural se mantém em segundo plano em detrimento de um paradigma urbano, de progresso e modernidade. A juventude, segundo Lima, Zucchetti e Dartora (2006), tem sido pensada numa visão urbanizada, enquadrando comportamentos e valores de um mesmo espaço sem se importar com as diferenças contidas em ambientes tão díspares. A juventude rural parece ser invisibilizada em detrimento de uma visão estereotipada do jovem urbano (OLIVEIRA JR e PRADO, 2013). Segundo Silva (2002), a formação da identidade desses jovens vai acontecendo num entrelaçamento de conflitos e imprecisões, pois ao mesmo tempo que se veem apegados a tradições e à própria família, também fomentam a possibilidade de ter uma vida melhor longe do contexto em que vivem. Ao serem questionadas sobre a percepção que tem de sua comunidade, foi dito o seguinte:

__Não é que a gente não goste daqui, a gente quer ficar aqui, mas também queremos mudança, eu quero o melhor, eu fico feliz quando as pessoas trazem projetos pra cá, que dão valor. Eu penso: porque logo aqui? Como se tivessem nos enxergando”. (S. 18 anos)¹

__a gente sente orgulho, aqui tem muita gente talentosa, mas precisam de oportunidades, tipo, isso do clube do livro, de você tá trazendo livros, a gente não tinha esse tipo de livro, minha irmã já leu antes de mim, e ela nem gostava (risos). (K. 16 anos).

¹ Os jovens serão identificados por nomes fictícios para preservar suas identidades.

Claramente existe o forte sentimento de pertença a comunidade, sentem-se felizes com projetos voltados o local em que sempre viveram, de poder usufruir de algo no qual tem afinidade dentro do seu contexto. O que reafirma a necessidade de estar dentro de sua comunidade, com vivências próprias do meio urbano

6.3 A IMPORTÂNCIA DA SUBJETIVIDADE PARA A PRÁTICA DA LEITURA

As relações de conflitos e desejos formam marcas singulares no desenvolvimento do indivíduo, transformando seus valores e crenças, essa confluência entre o mundo interno com o mundo externo é chamado de subjetividade. A subjetividade, segundo Bock e Furtado (1999), é a síntese única e individual que vamos moldando à medida que vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências culturais e sociais. Nossas ideias, emoções e significados vão sendo formados a partir das interações sociais, de suas vivências e constituições biológicas.

De acordo com Lima (2016), as ligações subjetivas na leitura do texto ficcional são claras, podendo acontecer através da relação de identificação com personagens, ou através da sintonia da narrativa poética, dos discursos fantásticos ou das reflexões intrínsecas no texto lido que alicerçam suas obras. Em um momento de partilha da leitura surgiu o seguinte diálogo:

Eu li isso e pensei uma coisa, e parece que todo mundo pensou de uma forma diferente. Depois eu me toquei que eu não tava pensando na personagem, eu tava pensando em mim. (B. 20 anos).

Os jovens leitores se veem atravessados pelo texto lido, tocados pela narrativa e entendimento de contextos diversos, confrontando-se com a subjetividade do outro e com a sua própria, e, portanto, moldando-se. Através da leitura de textos literários, em voz alta, e de forma que as palavras circulem em forma de histórias de vida por meio dos leitores e ouvintes, pode-se ajudá-los a pensar em outras possibilidades de vida, transformar suas realidades partindo, a princípio, de si mesmos. “Não é só leitura” (s. 18 anos), é ler partilhando de uma diversidade de percepções, é ler enfrentando a realidade do outro e da sua própria, é enfrentar medos, é dialogar com entendimento do que se fala, pois somente o sujeito pode falar de si mesmo. Leitura compartilhada é viver várias vidas, as ficcionais e as que compartilhamos junto de outros leitores.

6.5 PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO E OS IMPACTOS “MUITO ALÉM DA LEITURA”

Pensar a prática de Leitura Literária, através do fomento de experiências que incentivam a formação leitora de jovens, permite uma infinidade de possibilidades interventivas, que vão além de somente leitura, podendo ultrapassar barreiras comportamentais e sociais. Portanto essa parte do texto, aqui explanada, descreve de forma detalhada as etapas de intervenção do projeto, bem como as impressões e impactos acerca do mesmo.

O projeto literário foi previamente estruturado em sete encontros, com duração de aproximadamente uma hora e meia, com jovens do meio rural do município de Bela Cruz (CE), São Gonçalo. Importante dispor, que o projeto contou com 9 jovens do sexo feminino, as quais todas residem na localidade desde sempre. O gênero ter sido predominantemente feminino, se deve ao fato de que os poucos homens que se voluntariaram e foram selecionados, trabalhavam nos horários dispostos para encontro.

A seleção das participantes se deu a partir da sua afinidade com a leitura, tendo sido investigado através do questionário e posteriormente com entrevista prévia. Das 09 jovens escolhidas 04 delas diziam não gostar de ler, embora tivessem muita vontade de desenvolver o hábito. O primeiro encontro aconteceu em uma escola de ensino fundamental II, tendo em vista a localização e facilidade de acesso. Das 9 jovens selecionadas apenas 6 participantes foram ao primeiro encontro, as quais chegaram tímidas e falando pouco, durante a apresentação se mostraram empolgadas com um projeto de leitura em sua comunidade, até mesmo as que se diziam não gostar de ler estavam bastante receptivas ao funcionamento do projeto. No decorrer do encontro foram feitas perguntas específicas relacionadas à leitura, com a finalidade de mapear suas preferências literárias e facilitar a escolha do livro, aumentando assim a probabilidade de desenvolver o hábito de leitura nos participantes.

No segundo encontro o número de participantes aumentou, totalizando 9 meninas, as quais se voluntariaram a participar influenciadas pela empolgação das demais. No primeiro momento foi compartilhado as primeiras impressões dos livros entregues no encontro antecedente, bem como as dificuldades e facilidades do processo. Nesse momento o mediador buscou dar maior atenção as participantes que relataram não ter o hábito de ler, objetivando o incentivo da leitura e implantação do método de passos para leitura do livro, que seja a divisão do livro em pequenas partes, escolha de um horário fixo para leitura, e o comprometimento de que este momento aconteça diariamente. Em seguida foi feita a Leitura do texto “de muito procurar” de Marina Colasanti, leitura em conjunto, em voz alta, cada uma lendo um parágrafo

por vez. Dando espaço para analisar o texto, relacionar com a vida e a própria história, o mediador ia confrontando as duas histórias, realidade e ficção. O que teve como consequência importantes diálogos referentes ao enfrentamento do medo, refletindo sobre novas possibilidades, e da responsabilidade com o desenvolvimento da própria história, “quem é o principal responsável pela sua felicidade?” Entendendo que a felicidade é movimento, e que os passos são controlados por nós mesmos. No texto a frase “procurar é acreditar que a solução está em algum lugar” gerou um diálogo bastante impactante, acerca das dificuldades que acreditavam existir, de não serem capazes de transpor algumas barreiras sociais. “*O que eu preciso fazer para acreditar em mim?*” (C. 16 anos). Quando uma pergunta é feita dentro do círculo, o mediador precisa dar ambiente para que o próprio círculo responda, e assim foi o que aconteceu, dentre as respostas, estava: “*a gente insiste em tanta coisa, insiste em ti*” (B. 20 anos); no que a outra completou “cola na gente que a gente diz quem tu é, e tu é maravilhosa” (I. 15 anos). E logo, aquilo que era conflito, virou história, esperança, força e confiança. É socrático, não se dá respostas prontas, oferece-se contexto para que o diálogo aconteça, e o círculo consiga parir a resposta.

Num segundo momento, de acordo com a temática contida no texto lido, foram colocadas perguntas em uma caixinha, a pessoa que estava com a caixinha nas mãos lia a pergunta e escolhia alguém do grupo para responder e assim por diante. Em uma das perguntas contida na caixinha, “como você enxerga a si mesma?”, B. 20 anos respondeu:

Eu vivo muito dentro de uma bolha, tenho dificuldade de me relacionar, as pessoas acham que eu não quero que se aproximem. Aqui está sendo fácil falar, eu achava que ia ser mais difícil, mas estou conseguindo interagir.

A C. de 15 anos, quando questionada sobre habilidades que gostaria de ter ela diz “quero aprender a falar com mais confiança”. E C. de 16 anos com a pergunta “O que te deixa apavorada?” respondeu: “não conseguir ser eu mesma com outras pessoas por conta da timidez, aqui estou conseguindo aos poucos.” A partir da interlocução do texto com as perguntas relacionadas ao mesmo foi possível construir diálogos questionadores do próprio comportamento, entre eles a formulação da ideia de que enfrentar os medos e dificuldades em pequenos passos torna o medo mais fácil de ser extinto. Durante o diálogo, uma completava a fala da outra, dando exemplos e contando histórias pessoais.

No terceiro encontro foi pedido que escolhessem uma citação do livro que estão lendo, explicando o porquê de terem escolhido aquela em específico, em seguida deixando que as

outras participantes dialogassem sobre as próprias percepções, ou seja, a partir da história do outro, das percepções do outro, abordando a noção de outro ponto de vista. Esse confronto entre o eu e o outro, entre o que eu escuto e o que eu leio é poderoso em seu caráter de mudança, ideias e crenças são traçadas a partir das histórias lidas, proporcionando que leitor e ouvinte confronte passado, presente e futuro da própria vida e da vida do outro, tendo em vista o caráter social da interpretação, a qual é construída a partir da dinâmica de uma determinada história. Por isso que os círculos de leitura vão muito além de apenas incentivo à leitura, eles possibilitam um encontro consigo mesmo e com o outro, entrando em contato com histórias, crenças, práticas e conceitos que de outra forma não seriam possíveis.

Dentro da mesma lógica de intervenção, no mesmo encontro foi exposto livros de



Figura 1 - Círculo de leitura.

poesia, funcionando da seguinte forma: as participantes deveriam escolher o livro de poesia que mais lhe agradava e abrir de forma aleatória em uma página do livro. A ideia é que o poema escolheria o leitor, trazendo, de forma enigmática, uma mensagem. Assim foi feito, esses poemas escolheram seus leitores com temas muito particulares e provocativos, gerando risadas e aconchego com a coincidência das

mensagens que cada poema trazia. Mensagens de coragem, ancestralidade e ousadia. Citando Manoel de Barros, “Aonde eu não estou as palavras me acham” (BARROS, 2010, p. 339).

O quarto encontro iniciou-se com a leitura de citações contidas nas leituras dos livros literários distribuídos no início do projeto. C. (16 anos), com empolgação, inicia, fazendo a leitura do quote do livro que está lendo “Moxie” de Jennifer Mathieu. “Ela vivia em voz alta” (pág.23), no que a própria acrescentou “*será que eu vivo em voz alta?*” Essa frase seguida do diálogo da leitora, teve um impacto visível no grupo, tendo em vista as falas eufóricas e indignadas, o diálogo circulava, as dores e histórias uma das outras se encontravam e lutavam por compreensão e acolhimento, e o melhor de tudo foi que encontraram. C. (16 anos) ainda finalizou “*Eu me reconheci feminista lendo esse livro*”, ao que todas de forma verbal ou não verbal sinalizaram concordância. É muito importante essa identificação com as experiências vividas pelos personagens, mesmo que nunca vivenciadas na realidade, pois confronta um sentimento já existente com a descrição do sentimento despertado através da experiência em si.

Ainda que nem sempre explícito, essa característica de ação política atravessa os diálogos do círculo, o que se revela e se sustenta em vários momentos do discurso. Essa característica fortalece o protagonismo juvenil, pois é permeado pelo consequente desenvolvimento do pensamento crítico.

Seguindo a leitura das citações de cada livro em particular, formou-se uma outra importante discussão, a qual casa com a de outrora, que seja, feminismo negro, estimulado a partir do livro “O ódio que você semeia” de Angie Thomas: “supôs que não tínhamos boas intenções. Porque somos negros e por causa de onde moramos. Nós éramos dois adolescentes vivendo, sabe? A suposição dele matou Khalil. Poderia ter me matado.”

Mesmo que um tema seja iniciado com a leitura de uma citação específica, o diálogo nem sempre é linear, ele toma direções imprevisíveis, tendo em vista que da ocasião para o relato da própria história vivida, e o relato de um estimula a fala do outro. Assim, mesmo que a história do livro pare sobre todas, não é o único que protagoniza dentro do círculo, todas as histórias se encontram e dançam juntas. Tem ideia do impacto que esse movimento causa? É quase inimaginável, pois acontece privada e publicamente.

Portanto, é importante nesse momento, quando surge um tema polêmico, o qual permite olhares diversos, que os participantes aprendam a ouvir e respeitar a posição do colega, levando ao diálogo de como se apresenta e das reentrâncias do tema lido. De acordo com Cosson (2021) quando possível, a busca pelo consenso deve ser objetivada, ensinando a aceitar e defender as regras da discussão, dentre as diversidades de pontos de vista, pois é essa diversidade que torna a leitura em conjunto um instrumento de intervenção importante. É preciso por tanto, no processo mediativo, que a colaboração e solidariedade seja incentivada durante a discussão do texto, dando sentido ao que foi lido a partir das experiências descritas, tornando essa experiência plural, diversa e potente.

O sétimo encontro foi feito somente pelas jovens do círculo, sem mediação direta. A finalidade seria que estas se sentissem seguras a levar o projeto a diante, gerando autonomia na tomada de decisões. Embora receosas com o desafio, conseguiram planejar e executar com maestria. Quando questionadas sobre a experiência, responderam:

— *Eu não dava nada por esse encontro, achei que a gente ia ficar o tempo todo calada. (A.k 15 anos)*

— *E aí a gente não parava de falar. (B. 21 anos)*

— *nunca vi um povo com tanto assunto. (S. 20 anos)*

— *Falamos de tanto livro, de série, de filme, da gente. (C. 16 anos)*

Uma das práticas feitas em grupo e que resultou em positivas consequências, foi a leitura compartilhada de poesias, mais especificamente poesia feminista contemporânea, com autoras como Rupi Kaur, Amanda Lovelace, Ryane Leão, entre outros. Nos encontros foram disponibilizados dentro do círculo vários livros de autores de poesias diversas, as participantes escolhiam um livro e no livro uma poesia para ler para o grupo, assim o livro passava a ser a palavra geradora do diálogo. Foi importante perceber como cada uma interpretava o que foi lido ou escutado de diferentes formas, abrindo assim a oportunidade de dialogar sobre o mesmo texto com interpretações distintas. Nesse encontro em particular, o que foi bastante impactante, diferente dos demais, é que a leitura dos poemas trouxe, despretensiosamente, o tema “relacionamento abusivo”, é nesse exemplo que a leitura compartilhada tem um que de magia, por conta da sintonia temática da disposição dos textos, que mesmo não tendo ligação direta, a interpretação dos leitores possibilita essa interlocução. Dentre os textos lidos, estão:

EU REALMENTE ESTOU FAZENDO ISSO POR MIM?

Faça outra vez, até a resposta ser confortavelmente sim

(Bruna Vieira. Livro “Meu corpo virou poesia”. Pág. 149):

Mas

estou divagando.

O que tenho

tentado dizer

esse tempo todo

é que

quando você

errou comigo

estava

esperando que eu

o perdoasse

como uma

boa e bem-educada
mulher,

mas na verdade
você finalmente

ficou conhecendo
o gosto que o fogo tem.

_ E não, não tem gosto de uísque.

(Amanda Lovelace. Livro “a bruxa não vai a fogueira neste livro”. Pág. 161)

Juntos
Criamos
um maldito
espetáculo,
mas
as cortinas...
elas
não
escondem
a sua
história.”
_ isso não pode continuar assim.

(Amanda Lovelace. Livro “a voz da sereia volta neste livro”. Pág. 91)

“É fácil amar
Aquilo que temos de bom
Mas o verdadeiro amor-próprio
É abraçar aquilo que todos nós
Temos de difícil
- aceitação”

(RupiKaur. Livro “meu corpo minha casa”. Pág.: 158)

Durante a leitura, a interpretação é livre, é preciso, portanto, deixar os participantes a vontade em sua exposição, sem corrigi-los com noção de certo ou errado, pois a produção de diálogo é o grande protagonista do círculo, e este vai dando abertura para que o mediador vá percorrendo esses discursos e desenhando o diálogo a partir deles, o que tem como consequência não só a interpretação assertiva do texto lido, mas a consciência perceptiva de si mesmo e de suas relações.

No final do encontro foi feita uma avaliação livre acerca dos encontros e do projeto como um todo. Portanto, cada uma trouxe em sua avaliação o que acrescentariam ou mudariam. O que foi, de uma forma geral, um consenso entre elas é que “*não era só leitura*” (sh,19 anos), e “*achei que nunca iria falar aqui, e hoje somos todas amigas*” (CI), “*pessoas que não gostavam de ler, agora gostam*”. Percebam, que de uma forma muito positiva, os objetivos do projeto foram atendidos, ali não era só leitura, a leitura funcionava como mediadora do diálogo, muito além de somente leitura, era uma busca por autoconhecimento, autonomia e protagonismo, elas passaram a se ver como coadjuvantes da história da comunidade. “*percebi que algo pode ser feito, que eu posso fazer algo, eu to fazendo*” (ed).

6.6 BENFEITORIAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Como parte importante dentro do projeto foi implantado, na praça principal de São Gonçalo, um ninho literário (figura 2), que é uma biblioteca livre em formato de casinha, a qual tem como objetivo aumentar o acesso aos livros na comunidade e incentivar a leitura. Funciona da seguinte forma: Os livros são disponibilizados no ninho (imagem), ficando livre para quem quiser pegá-los, a regra é simples: pegar um livro por vez e devolvê-lo ao ninho depois de lido, tendo alternativa de trocar o livro por outro. A possibilidade de pegar livros de uma casinha no meio de uma praça pública aumenta o interesse e curiosidade pelos livros, pois emparelha o ato da leitura com diversão, e ler precisa ser divertido.

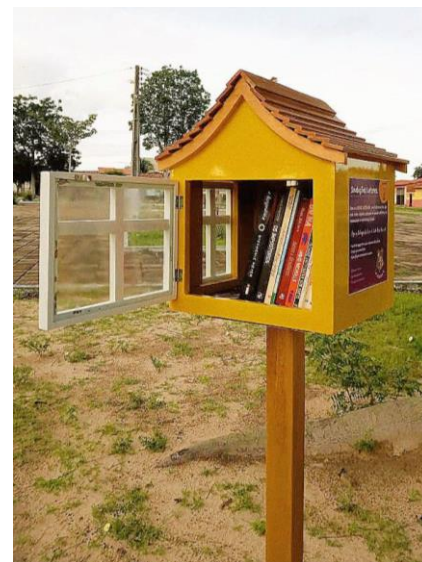


Figura 2 - Ninho Literário.

A comunidade já sente o impacto do projeto após dois meses de implantação, relatam que os filhos mostram interesse em pegar livros, leem na praça com os amigos, até mesmo os adultos, que não tinham o hábito, pegam livros e sentam para ler. A implantação da “biblioteca

livre” foi pensada como um abono dentro do projeto, deixando sob responsabilidade das integrantes do círculo, afim de que se engajassem nas ações de incentivo à leitura, protagonizando dentro da comunidade.

Um dos objetivos do projeto interventivo, propunha incentivar o protagonismo juvenil na comunidade, podendo agir dentro e fora do círculo de leitura. Para tanto, na tentativa de estender para outros jovens, bem como desenvolver habilidades de mediadores deste processo, é que foi proposto a replicação das intervenções com jovens do ensino fundamental II, jovens entre 12 a 15 anos de idade. Foi escolhido três jovens, participantes do círculo “vai virar mar”, para que fizessem busca ativa, reprodução e aplicação das técnicas aprendidas durante os encontros do círculo. Assim foi feito, fizeram visita a escola, divulgação do projeto e inscrições, selecionando os jovens com base na afinidade com os livros e com a vontade de se tornar leitor. Resultando em 9 jovens do ensino fundamental II.

O encontro aconteceu obedecendo a seguinte estrutura proposta pelas jovens mediadoras: Apresentação; Dinâmica de autoconhecimento; Lanche; Livros de poesia como palavra geradora; Percepções sobre o projeto. As jovens mediaram o círculo de leitura com destreza e confiança, facilitavam o diálogo, ajudando as participantes com o discurso, deixando-as confortáveis. O espaço de fala foi sendo construído aos poucos, o que de início eram pausas e timidez, logo se refez em empolgação, risos e partilha. É admirável como a afinidade e o gosto comum por livros facilita a conversa e aproxima as pessoas.

Não é só leitura, não é somente livros, é muito mais, é o entregar e receber algo, é partilhar muito mais que palavras, é revelar sentimentos, é se despir de antigos preceitos dando lugar a novos. Portanto, se utilizar de um instrumento potente, que seja os livros literários, com a finalidade de modificar a percepção de jovens de uma comunidade rural sobre si mesmos e sobre o seu contexto, foi de muitas maneiras uma decisão assertiva e que resultou em resultados positivos em sua funcionalidade, alcançando seu objetivo.

Figura 3 - Quadro de análise

Objetivos	Ação	Resultado
Criar espaços de sociabilidade em que os jovens possam desenvolver/potencializar suas habilidades psicossociais.	_Encontros quinzenais com 9 jovens.	_Encontros acontecendo de forma independente. _Jovens adquirindo o Hábito da leitura.
Desenvolver habilidades sociais a partir da leitura e do diálogo sobre a mesma.	Leitura compartilhada. Perguntas de autoconhecimento	_Jovens com uma nova percepção de si, mais seguras de seus papeis sociais dentro da comunidade.

	relacionadas as histórias lidas. _ Livro como palavra geradora de diálogo (poesia, contos e crônicas)	_ Laços de amizade fortalecidos. _ Formação de habilidades sociais e emocionais.
Incentivar o protagonismo juvenil através do fortalecimento da comunidade jovem, elegendo representações juvenis que possam atuar dentro e fora do projeto.	_ Implantação do Ninho literário. _ Formação do grupo “Vai virar mar” (representação juvenil dentro da comunidade” _ Replicação do projeto com jovens do ensino fundamental II, mediado pelos jovens do “Vai virar mar”.	_ se tornaram referência jovem dentro da comunidade _ Responsabilidade social _ Protagonismo juvenil através da mediação de grupos de leitura e da responsabilidade social de representar um grupo de leitura com projetos para a comunidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que está muito claro nessa experiência, é que a leitura em conjunto de livros literários é uma ferramenta potente de transformação individual e social. Ler é movimento, é um diálogo que se forma a partir da experiência do outro. “Quem lê, treina para viver” (RICHINITTI, 2020, p.18). E é nessa perspectiva que o trabalho interventivo se configura, atestando um fato descrito no início de todo o escopo: A leitura é muito mais que somente decodificação de símbolos, é um ato humanizador.

Levar a leitura para os jovens do sertão Cearense abriu um questionamento ainda não completamente respondido: O que pode acontecer se as políticas públicas voltarem seus esforços, a muito tão homogeneizados, para o rural brasileiro, de forma mais centrada e heterogênea, levando em consideração suas particularidades? O sertão não é retrocesso, é organismo vivo, pulsando nas veias da cidade. As pessoas da comunidade anseiam por mudanças explícitas enquanto vivenciam de forma significativa cada pequena alteração no contexto. Portanto voltar o projeto para esta comunidade, nos mostrou o impacto resultante do entrelaçar dessas categorias, resultando em uma juventude muito mais comprometida consigo mesmo e com a comunidade, entendendo seu papel social como agente de mudanças e construindo uma vida boa de ser vivida, dentro ou fora de sua comunidade. O que se ver claramente como potência de leitura é a superação da realidade imediata, apropriação do que foi criado e acumulado na história da humanidade, extrapolando a experiência empírica imediata que, por vezes, é limitante.

Para além do protagonismo, a leitura como foi conduzida proporcionou que as jovens participantes pudessem desenvolver habilidades sociais, como empatia, modelos de comportamentos de conversação, resolução de problemas, argumentação, entre outros. Além de trazer forças de regeneração e enfrentamento, por colocar de forma gradativa o leitor diante de seus medos e de si mesmo, confrontando fatos que antes estariam no escuro. Esse movimento dentro do círculo é feito de forma colaborativa e solidária, dando sentido ao texto a partir de inúmeras interpretações, que se entrelaçam. Portanto dar aos jovens a condição de perceber e conhecer melhor sua realidade com vistas a vislumbrarem mudanças futuras em seus contextos e em suas vidas é o impacto que a leitura pode causar.

Se essa prática, por si só, já é poderosa em seus resultados, imaginemos então, o que se pode alcançar através da leitura compartilhada, em voz alta e em círculo, o que resulta na presença de mais um elemento, o ouvinte. Garcia (2003), ao se referir à leitura em círculo, evidencia a possibilidade de criação e invenção na prática da leitura compartilhada de um texto literário, o que se configura como um dos elementos mais encantadores de toda a experiência, esse espaço para a criação abre caminhos para a formação da autonomia, protagonismo e autoafirmação.

REFERÊNCIAS

_____, 2014. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2014**, Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

_____. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, coordenação de Edições técnicas, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal> ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

Encontro anual da ANPOCS, 22, Caxambu - MG, 1998, Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt14-12/5149-mjcarneiro-o-ideal/file#:~:text=Estabelecer%20resid%C3%Aancia%20na%20localidade%20de,rural%20pelos%20moradores%20da%20cidade.&text=%C3%89%20nesse%20contexto%20que%20os,como%20projeto%20de%20vida%20rurbano.>>. Acesso em: 12 de novembro de 2020.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOCK, A. M. B., FURTADO O. e TEIXEIRA M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª ed. São Paulo. Editora Saraiva. 1999.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Ministério da Cidadania**. Inscrever-se no Cadastro Único Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal> Acesso em: 2 Jul. 2021.

CANEVACCI, M. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos T. (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, p. 94-118. 1998.

CASTRO, E. G. de. *et al.*. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009. 240 p.
CIDADE, E. C.; SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Pobreza e juventude: implicações psicossociais, modos de vida e enfrentamento às adversidades cotidianas. In V. M. XIMENES, V.M.; NEPOMUCENO, B. B.; CIDADE, E. C.; JUNIOR, J. F. M. (Orgs.), **Implicações Psicossociais da Pobreza: diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2016. p. 311-336.

COSSON, R. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto. 2020.

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. 2011. **Estatísticas do meio rural**. Departamento Intersindical de Estatística; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. São Paulo: DIEESE; NEAD, MDA, 4 ed., 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREITAS, I. C. M. de. Do campo a universidade: trajetórias e projetos de vida dos jovens universitários do meio rural brasileiro. In: Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, Jornadas de Sociología de La Universidad de Buenos Aires, 8, **Anais...** Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009, p. 1-11.
FREITAS, M. de F. Q. de. Inserção na comunidade: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.11, n.1, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100011. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

GARCIA, P. B. Círculo de Leitura: identidade e formação do leitor em processo de alfabetização. In: YUNES, E.; OSWALD, M. L. (Org.) **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, H. S. *et al.* Problemas da Juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, n.2, p. 217-225, 2008.

GUIMARÃES, A. R. G. de P. O leitor e a leitura literária subjetiva: processos receptivos, emancipados e performáticos. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 45-58, jul. 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/14514>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/132SI>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

KUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Revista tempo da ciência da Unioeste**, Paraná, v.20, n. 39, p. 201-220, 1º semestre, 2013.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN M. Práticas Discursivas sobre a luta pela terra na transição democrática brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37, núm. esp., p. 197-207. 2017. LIMA, C. M. H. de; ZUCCHETTI, D. T.; DARTORA, E. C. Jovens em movimento. In CALDART, R. S.; PALUDO, C.; et al (orgs). **Como de formam os sujeitos no campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006, p. 99-112.

LIMA, S. O. Subjetividade e leitura. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**, v. 31, n.1 , p. 18 – 30. Londrina. 2016. PDF.

MELO, A. S. E. de; MAIA FILHO, O, N.; CHAVES, H. V. Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 153-159, jan/abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0153.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

MENEZES, M. A. de; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em administração**. São Paulo, v.1, n° .3, 2º semestre, 1996.

OLIVEIRA JR. O.; PRADO. M. A. M. A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração. In. LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. (Orgs.) **Psicologia e contextos rurais**. Natal/RN: Editora da UFRN, 2013. Cap. 2, p. 57-87.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 1, p. 139-165, 1990.

PINHO, A. M. M. de. **Pintando janelas em muros: a arte como método vivencial de facilitação de grupos populares**. 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

PONTE, K. F. da. (Re) pensando o conceito do rural. **Revista Nera**. Pres. Prudente, Ano 7, n. 4, p. 20-28, jan/jul 2004.

PONTE, K. F. da. **Uma análise geográfica das novas ruralidades e do controle social nas vilas rurais da Paz em Rolândia e João Inocente em Cambé**. 2004. 19 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

RICHINITTI, G. Literatura: o potencial humanizador da mais solitária das artes. **Criação & Crítica**, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: Acesso em: 10 de março de 2021.

SILVA, L. B., FEITOSA, M. Z. S.; et al. Apoio social como modo de enfrentamento à pobreza. In. XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; et al (Orgs.) **Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p.289-310.

SILVA, V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002, p. 97-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

SOUZA, R. M. de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, v. 1, p. 1-28. 2009.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude**. 2008. 222 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n.63, p. 153-155. Fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

VIANA, D. M.; RODRIGUES, P. B.; et al. Juventude, escola e mídia: problematizando a (in)acessibilidade das mídias para a construção crítica dos processos de ensino-aprendizagem na rede pública de educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n.1, p. 26-40, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4797>. Acesso em: 01 de janeiro de 2020.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n. 2, p. 241-260, maio/ago, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

VAI VIRAR



MAR

Poliana S. Fonteles
2022

Apresentação

Saudações leitores (leitoras), o material aqui apresentado visa auxiliar o trabalho do profissional que deseja atuar com jovens em contexto rural através da leitura. A proposta partiu do projeto “Sertão de Leitura: Vai Virar Mar”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), campus de Sobral. O objetivo é formar espaços de sociabilidade juvenil, voltados para jovens da zona rural, que possam promover a autonomia e o protagonismo na comunidade através da leitura, da arte e da cultura, pois, entende-se que a leitura é muito mais que apenas decodificação de símbolos da escrita, existe um mundo a ser explorado e vivenciado, podendo extrair uma infinidade de possibilidades. Ler, além de um ato individual, é um ato coletivo tendo em vista que, ao ler, passo a fazer parte de uma comunidade, no sentido de que na literatura nunca se está sozinho, pois é um ato de compartilhamento, de partilha e associação (COSSON, 2020).

Com metodologia simples e facilmente aplicável, o projeto se propôs a formar leitores e desenvolver o protagonismo juvenil, fortalecendo o vínculo com a comunidade e criando espaços de sociabilidade para jovens rurais. Tendo em vista que os jovens do meio rural não apenas residem em seu contexto, mas que vivenciam esses espaços e participam da produção de caráter familiar, tomando espaços deliberados culturalmente (KUMMER; KOLOGNESE, 2013), sem que, no entanto, as comunidades possuam equipamentos e pessoal qualificados para o desenvolvimento de atividades culturais voltadas para os jovens.

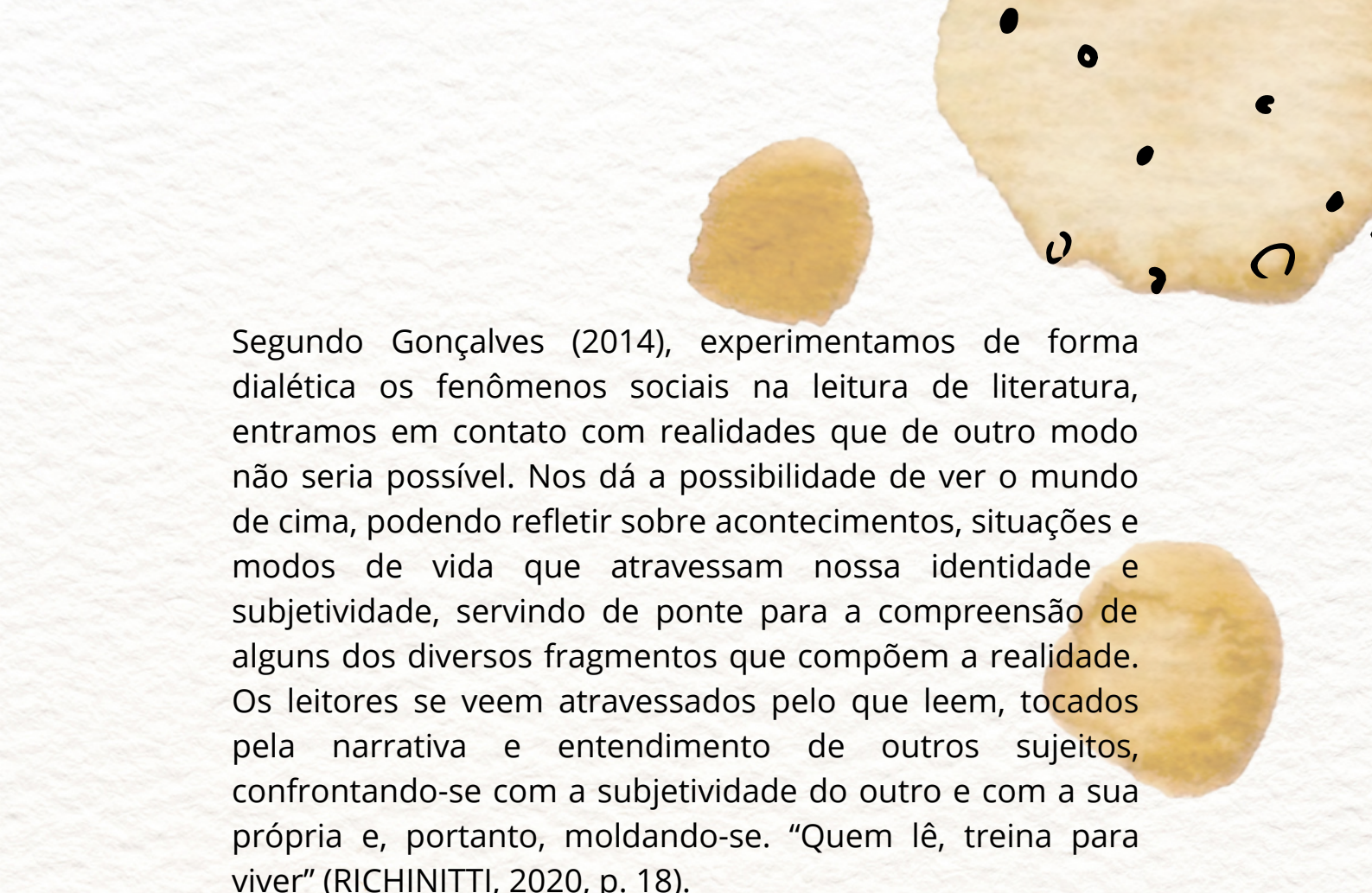
Espero que apreciem a proposta e que, a partir dela, vocês possam criar suas próprias estratégias de trabalho!

Introdução

A juventude, segundo Gonçalves (2008), é um momento caracterizado por transformações, tanto sociais como psicológicas, tendo em vista que requer o início de uma ruptura com espaços de proteção familiar, assim como a reflexão de valores pessoais e a conquista de novas iniciativas de vida e círculos de convivência. Portanto, cada indivíduo passará por essa etapa de modo distinto, seja por fatores subjetivos, sociais ou econômicos. O projeto aqui aludido, é voltado para o jovem rural, por acreditarmos que estes jovens são marginalizados frente às políticas juvenis, e que os olhares sobre eles, infelizmente, ainda são oblíquos.

De acordo com Oliveira Junior e Prado (2013), o jovem rural é, na maioria das vezes, filho de pequenos agricultores e seus dilemas são frutos da sua pertença a essa forma de produção econômica e modo de vida particular. Contracenar com juventude rural, de acordo com Redin (2011), demanda um olhar especializado para o contexto em que estão inseridos, pois, antes de mais nada, é preciso fornecer espaços de sociabilidade e possibilidades para que estes jovens consigam sonhar dentro da comunidade e que estes sonhos possam estar imbricados a este contexto.



Para que esse desenvolvimento ocorra, é que estabelecemos como um dos instrumentos dessa transformação subjetiva a prática da leitura. Por entender a leitura como prática de liberdade e emancipação humana, pois, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1982), defendendo a existência de um movimento na relação que estabelecemos com o ato de ler, uma relação de confluência com nossa história e com o contexto em que habitamos.



Segundo Gonçalves (2014), experimentamos de forma dialética os fenômenos sociais na leitura de literatura, entramos em contato com realidades que de outro modo não seria possível. Nos dá a possibilidade de ver o mundo de cima, podendo refletir sobre acontecimentos, situações e modos de vida que atravessam nossa identidade e subjetividade, servindo de ponte para a compreensão de alguns dos diversos fragmentos que compõem a realidade. Os leitores se veem atravessados pelo que leem, tocados pela narrativa e entendimento de outros sujeitos, confrontando-se com a subjetividade do outro e com a sua própria e, portanto, moldando-se. “Quem lê, treina para viver” (RICHINITTI, 2020, p. 18).

Assim, através da leitura de textos literários, em voz alta, e de maneira que as palavras circulem em forma de histórias de vida através dos leitores e ouvintes, espera-se que possamos ajudá-los a pensar em outras possibilidades de viver a vida, transformar sua realidade partindo, a princípio, de si mesmos.

Portanto, que essas vozes possam ser ouvidas, “praforizadas” e resgatadas, de maneira tal que se possa afetar quem fala e quem ouve. Que, através da arte, do diálogo dessas artes, da construção através delas, torne-se possível sonhar, acreditar que é possível transpor as barreiras do sistema e construir um futuro entrelaçado ou não à sua comunidade.



Objetivos

* **Objetivo Geral:**

Promover o protagonismo juvenil em comunidades rurais, através da leitura, da arte e da cultura.

* **Objetivo específico:**

Criar espaços de sociabilidade em que os jovens possam desenvolver/potencializar suas habilidades psicossociais.

Desenvolver habilidades sociais a partir da leitura e do diálogo sobre a mesma.

Incentivar o protagonismo juvenil através do fortalecimento da comunidade jovem, elegendo representações juvenis que possam atuar dentro e fora do projeto.

* **Público alvo:**

Jovens com idade entre 15 a 19 anos, que residam em área rural.



Como pensar, vivenciar e intervir.

O projeto voltado para jovens em contexto rural é inspirado em duas grandes metodologias interventivas: O **círculo de cultura** de Paulo Freire e o **Método História de vida** de André Levy. Porém, é importante dizer que, antes de mais nada, o projeto é atravessado pelo contexto no qual se pretende adentrar, tornando possível que seja formada coletivamente uma proposta metodológica.

O **círculo de cultura**, proposto por Paulo Freire (1991), tinha o intuito de contribuir para que os sujeitos legitimassem sua dignidade como seres humanos e se compreendessem como agentes de sua história, permitindo a ampliação do olhar sobre a realidade. O método Paulo Freire consiste em três momentos: a) Investigação temática, por meio de palavras geradoras de diálogo; b) a tematização, na qual buscam decodificar as palavras geradoras, as significações sociais, despertando a formação da experiência vivida; c) a problematização, seria a transformação através da palavra, ou seja, a superação da visão ingênua de mundo para um olhar crítico.




Nessa perspectiva, o livro seria a palavra geradora, levando a tematização e à problematização do que se lê. O método de Paulo Freire, dentro do Círculo de leitura, configura-se como o corpo da intervenção, já que traça uma proposta clara do que se pretende afetar e transformar, que seja, a forma como se vê e vivência o mundo, bem como a responsabilidade histórica e crítica que tem sobre ele.

O **método história de vida**, de André Lévy (2001) consiste em escutar várias histórias de vidas, nesse ínterim, é preciso que um vínculo seja criado entre o entrevistado e o pesquisador. Em seguida, a entrevista é transcrita e é feito uma imersão nas palavras e na busca de significados que vão além da fala. De acordo com Nogueira e Barros (2017), as histórias de vida são instrumentos de historicidade que consentem ao sujeito pensar, repensar e transformar sua vida ao contá-la, reabilitando o que foi invalidado durante seu repertório de vida, pois contar a história é recriá-la, é construir uma leitura sobre as experiências vivenciadas. Nogueira e Barros (2017) ainda falam sobre como a leitura e a escrita, falas e escutas são processos indissociáveis, tendo em vista que quando lemos um texto lemos um mundo, André Lévy (2001) traz essa relação da história contada com o texto lido, numa relação de interlocução posta no contar da vida.



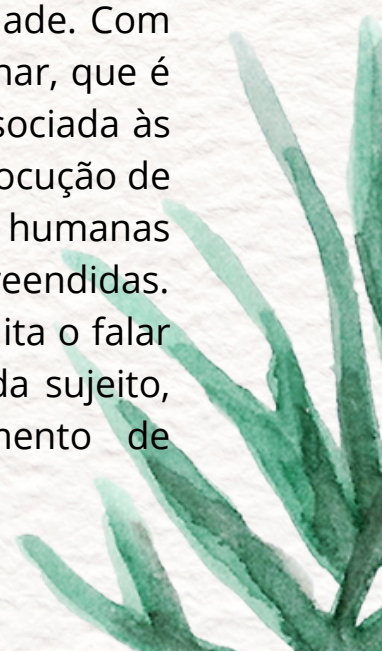
Importante sublinhar o fato de que embora o método de André Lévy seja uma forma especial de fazer entrevistas, esta não é a proposta do círculo. Portanto, trata-se de acolher a essência do que o Método de História de Vida nos proporciona, ou seja, a imersão nas palavras, a busca de significados, a transformação da vida a partir do que se experiência na fala, leitura e escrita, de modo a adaptar toda a filosofia do método de André Lévy para caber dentro do círculo com jovens em contexto rural, fazendo com que essa compreensão do mundo a partir do que se lê, fala e escuta, consiga oferecer experiências extraordinárias.



Essa metodologia se atrela à proposta de **Círculo de leitura** de Rildon Cosson (2020) no seu livro “Círculo de leitura e letramento literário”, o qual traz a proposta da prática da leitura compartilhada que dá abertura para que os leitores discutam e construam de forma conjunta uma interpretação do texto lido, ampliando a interpretação individual, trazendo não só a multiplicidade de olhares sob o mesmo elemento, mas possibilita reforçar identidades, a estreitar laços sociais e incitar solidariedade entre os participantes.



Na proposta do projeto, o livro é o formador do diálogo, buscando as significações e identificações, compartilhando, através da história lida, as próprias experiências e modos de vida. O facilitador se utiliza da fala que corre pelo círculo, carregada de significados, para intervir na formação de pensamentos, transformando a maneira como estes veem a sua realidade. Com delicadeza e sabedoria, mostrando que é permitido sonhar, que é possível superar a realidade vivida. A leitura do livro, associada às experiências, ideias e pensamentos, configura uma interlocução de identificações e processos identitários. As vidas humanas necessitam e devem ser contadas, tocadas e compreendidas. Portanto, é esse movimento de leitura ativa, que possibilita o falar e o ouvir, numa relação que perpassa a história de cada sujeito, traz possibilidades de ser um importante instrumento de transformação social.



Passo a passo do processo

A) “Quem quer participar de um projeto literário levanta a mão”.

A seleção dos jovens pode ser feita através do contato com as escolas da localidade ou através dos equipamentos sociais, como por exemplo, o CRAS. Importante que seja feita uma divulgação do projeto entre os alunos, e que a decisão de participar aconteça de forma livre, sem qualquer obrigatoriedade.

Tendo a lista de jovens inscritos, a depender do número, pode ser feita uma seleção destes, levando em consideração a disponibilidade e relação com a leitura. Lembrando que ser leitor, não precisa ser, necessariamente, um pré-requisito, mas que este jovem tenha o desejo real de desenvolver o hábito.

B) Primeiro contato com o grupo selecionado

Processo em etapas:

- Apresentação da proposta metodológica do círculo.
- Aplicação de um questionário, a fim de mapear o interesse literário dos participantes, escolhendo um livro que se adeque a cada um em particular.

Questionário de interesse literário

1. Quem sou eu?
2. O que gosto de fazer?
3. Livro preferido...
4. Se eu fosse ler, eu...
5. Quando leio...
6. Um livro prende minha atenção quando...
7. Livro que tenho vontade de ler...
8. Gosto de histórias que...



Mediação:

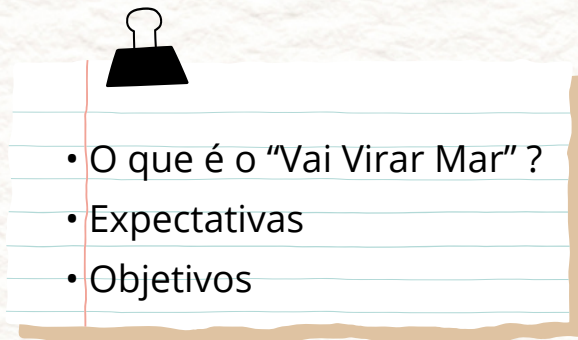
Na apresentação da proposta, o mediador, abre espaço para que os jovens construam, em parte, a metodologia junto com ele. Permite que tomem algumas decisões importantes, como: Onde serão os encontros; o que será feito nos encontros; se será aberto para que outras pessoas possam participar como ouvintes; entre outras. Essa abordagem permite que desde o início o jovem já se veja como protagonista do círculo, autor da história do mesmo.

Algumas perguntas ajudam a determinar interesses individuais de leitura (questionário de interesse literário), com a finalidade de escolher o livro que mais se adequa a cada leitor. Tendo em vista que se o livro for escolhido de forma individual, levando em conta os interesses de cada jovem, o hábito da leitura será muito mais facilmente instalado, bem como possibilita o acesso a livros diferentes por parte do grupo, já que podem compartilhar os livros entre si.



C) Primeiro encontro - Vai Virar Mar

Processo em etapas:



Conhecendo os membros

- O que esperam do projeto.
- Entrega do kit de leitura
- Dinâmica de apresentação.*
- Estratégias de leitura



O que pode ser entregue no kit individual:

- Um livro (escolhido, individualmente, para cada um, escolhido a partir de um questionário respondido previamente);
- Canetas, lápis e marca texto
- Post it e sumário de como usá-los na marcação da leitura;
- Caderninho de anotações personalizado;
- Passaporte de leitura.



Mediação:

No primeiro encontro de qualquer atividade em grupo, principalmente quando não há intimidade entre os participantes, é necessário que o principal objetivo seja a integração dos participantes, portanto, o mediador deve conduzir o grupo de forma que se percebam à vontade para dialogar entre si, falando de si mesmo.

A entrega dos kits de leitura é um momento muito esperado pelos jovens, tendo em vista que, até então, não sabem que livros foram escolhidos para cada um. O mediador, deve estar preparado para, durante a entrega individual dos kits, apresentar o porque da escolha do livro para aquela pessoa em específico. Esse momento tem muito significado, pois traz um aviso intrínseco: “você é único!”.

Dinâmica:

Você vai precisar de:

Papel contendo informações dos gostos literários de cada um dos participantes do círculo.

Caixinha customizada

Como fazer:

É passado uma caixa contendo os papéis com informações literárias de cada participante, ninguém do círculo deve ter acesso a essas informações antes do encontro. **Colocar uma música** enquanto a **caixa circula**, quando parar a música, a pessoa que estiver com a caixa na mão **pega um papelzinho** e usa a imaginação para dizer o porquê a pessoa que tem aqueles gostos literários tem aqueles gostos específicos, em forma de brincadeira, podendo **criar histórias fictícias** a respeito das informações que estão no papel. Depois o grupo vai tentar **adivinhar de quem são as informações verdadeiras**. E assim por diante.



D) Segundo encontro - Vai Virar Mar

Processo em etapas:

- Começar falando sobre a leitura atual, que seria o livro entregue no primeiro encontro, primeiras impressões e o que esperam dos próximos capítulos. Podendo ler citações marcadas durante a leitura.
- Leitura de textos curtos, como crônicas e contos. Levar cópias já impressas.

Exemplo de textos:

"De muito procurar", de Marina Colasanti.

"Por não estarem distraídos", de Clarice Lispector

"O catador de pensamentos", de Antoni Boratynski

"Somos todos extraordinários", de R.J Palácio.

* Mediação:

É importante que a leitura sempre seja feita em conjunto e em voz alta. Cada um lendo um parágrafo, ou, no caso dos livros, uma citação do livro que está lendo. Durante a leitura em conjunto dar pausas para refletir sobre o que está sendo lido, levando os participantes a analisar o texto a partir da sua própria história de vida, dando espaço para que todos comentem sua percepção a respeito da temática em evidência.

Caixinha de perguntas:

Colocar, numa caixinha, algumas perguntas de autoconhecimento que se relacionem, de alguma forma, ao texto lido. Esta deve ser entregue nas mãos de um participante, o qual pega uma pergunta da caixa, lê e escolhe alguém do grupo para responder, e assim por diante.

E) Terceiro encontro - Vai Virar Mar

Processo em etapas:

1. Dinâmica
2. Leitura de citações do livro lido
3. Livro de poesia como palavra geradora.

* Mediação:

Com o objetivo de aproximar mais intimamente os jovens do círculo - já prevendo a continuidade do projeto sem a presença do mediador - é interessante que estes jovens se conheçam melhor e cabe ao mediador fazer com que essa aproximação aconteça.

Dica de Dinâmica:

Levar chocolates de diferentes sabores, por exemplo, se tiver 9 participantes, levar nove chocolates de três sabores diferentes, e dispô-los no local em que os participantes devem se sentar, cada chocolate representa um grupo, formando, dessa maneira, três grupos com três integrantes.

Com os grupos formados, o mediador pode estipular temas específicos no qual devem dialogar. Que sejam: quem sou eu, 3 coisas que tem em comum, um fato sobre amizade, um fato sobre a infância, uma história que aconteceu na escola, uma coisa que não sabem sobre mim. Posteriormente, pedir que compartilhem com todos os integrantes presentes.

A watercolor illustration of a person with dark hair, wearing a grey shirt, sitting and reading a book. The person's face is partially obscured by the book. The background is a mix of soft watercolor washes in shades of orange, red, blue, and pink. The overall style is artistic and gentle.


* **Mediação:**

Depois, seguir com a leitura das citações do livro lido, deixando que as participantes dialoguem sobre as próprias percepções, ou seja, a partir da história do outro, das percepções do outro, da leitura em voz alta, os demais participantes vão confrontando e perpassando as próprias histórias e percepções. Nesse confronto entre o eu e o outro, entre o que eu escuto e o que eu leio, diálogos vão sendo traçados a partir das histórias lidas confrontando passado, presente e futuro da própria vida. Por isso, os círculos de leitura, vão muito além de apenas incentivo à leitura, eles possibilitam um encontro consigo mesmo e com o outro, entrando em contato com histórias que, de outra forma, não seria possível.

Por fim, em um terceiro momento, livros de poesia, já expostos previamente diante do círculo, devem ser escolhidos, pedindo que os participantes abram em uma página aleatória e leiam a poesia sorteada. Trazendo a ideia de que a poesia lida não foi obra do acaso, mas sim como uma mensagem que precisa ser lida naquele momento

F) Quarto encontro - Vai Virar Mar

Processo em etapas:

- 
1. Leitura e diálogo das citações dos livros lidos, escolhidos pelos leitores.
 2. Livros de poesia femininos como palavra geradora, que abordavam temas de interesse.
 3. Caixinha com perguntas, desafios e prêmios.
 4. Essa etapa acaba sendo uma extensão do encontro anterior, seguindo a mesma estrutura.

* Mediação:

O mediador, durante a leitura das citações, deve ficar atento para fazer interlocuções com o encontro passado, comparando com o discurso presente, reforçando o fato de provavelmente já conter certa maturidade na análise.

Mesmo que um tema seja iniciado com a leitura de uma citação específica, o diálogo nem sempre é linear, ele toma direções imprevisíveis, tendo em vista que possibilita o relato da própria história vivida e, conseqüentemente, o relato de um integrante do grupo, pode estimular a fala dos outros. Assim, mesmo que a história do livro pare sobre todos nós, não é o único que protagoniza dentro do círculo, todas as histórias se encontram e dançam juntas. Tem ideia do impacto que esse movimento causa? É quase inimaginável, pois acontece privada e publicamente.



Mediação:

É importante nesse momento, quando surge um tema polêmico, o qual permite olhares diversos, que os participantes aprendam a ouvir e respeitar a posição do colega. De acordo com Cosson (2021), quando possível, a busca pelo consenso deve ser objetivada, ensinando a aceitar e defender as regras da discussão, dentre as diversidades de pontos de vista, pois é essa diversidade que torna a leitura em conjunto um instrumento de intervenção poderoso. É preciso, portanto, no processo de mediação, que a colaboração e solidariedade seja incentivada durante a discussão do texto, dando sentido ao mesmo a partir de sua experiência com ele, que é contaminado pelas próprias experiências de vida do leitor, assim, tendo acesso ao ponto de vista dos demais colegas participantes do círculo de leitura, que essa experiência é plural, diversa e potente.



Encontro solo

O mediador propõe aos participantes que preparem um encontro sem a sua presença. Os detalhes devem ser combinados durante o círculo, para que o mediador facilite o diálogo, ajudando na elaboração do processo. Dessa forma, gerando autonomia na tomada de decisões e aumentando a confiança de que o projeto seguirá bem sem a presença do mediador.

Para avaliar a desenvoltura do encontro solo, os participantes devem responder as seguintes perguntas:

* Quais foram as principais dificuldades?

* Qual a melhor parte do encontro?

* Expectativas x Realidade.

* O que precisa melhorar?

* Como se sentiram?

G) Quinto encontro - Vai Virar Mar

Processo em etapas:

1. Compartilhamento da experiência do encontro anterior
2. Leitura compartilhada de poesia
3. Café com livros
4. Leituras anteriores descritas em grupo
5. Avaliação do projeto (encontros e ninho literário)

Uma das práticas que fazemos em grupo e que traz consequências positivas, é a leitura compartilhada de poesias. Nos encontros, disponibiliza-se, dentro do círculo, vários livros de autores de poesias diversas, os participantes escolhem um livro e no livro uma poesia para ler para o grupo, assim o livro passa a ser a palavra geradora do diálogo.

✦ É importante perceber como cada um interpreta o que foi lido ou escutado de formas diferentes, abrindo assim a oportunidade de dialogar sobre o mesmo texto de formas diferentes.

* Mediação

Durante a leitura, a interpretação é livre, no entanto, é preciso deixar os participantes a vontade em suas interpretações, sem corrigi-los com noção de certo ou errado, pois, a produção de diálogo é o grande protagonista do círculo, e este vai dando abertura para que o mediador vá percorrendo esses discursos e desenhando o diálogo a partir deles, o que tem como consequência não só a interpretação assertiva do texto lido, mas a consciência perceptiva de si mesmo e de suas relações.

Avaliação do projeto pelos participantes

A Avaliação do projeto, assim como o que acontece dentro do círculo de leitura, pode ser feita de forma livre, sendo facilitada por palavras geradoras marcadas em livros ou por palavras impressas em papel A4 dispostas à frente do grupo, dentro do círculo.

Ninho literário

O ninho literário é uma biblioteca livre, que tem como objetivo aumentar o acesso aos livros na comunidade e incentivar a leitura. Funciona da seguinte forma: Os livros são disponibilizados no ninho (imagem), ficam livres para quem quiser pegá-los. A regra é simples: pegar um livro por vez e devolvê-lo ao ninho depois de lido, tendo alternativa de trocar o livro por outro.



A possibilidade de pegar livros de uma casinha no meio de uma praça pública aumenta o interesse e curiosidade pelos livros, de modo que emparelhamos o ato da leitura com a diversão. Ler precisa ser divertido.

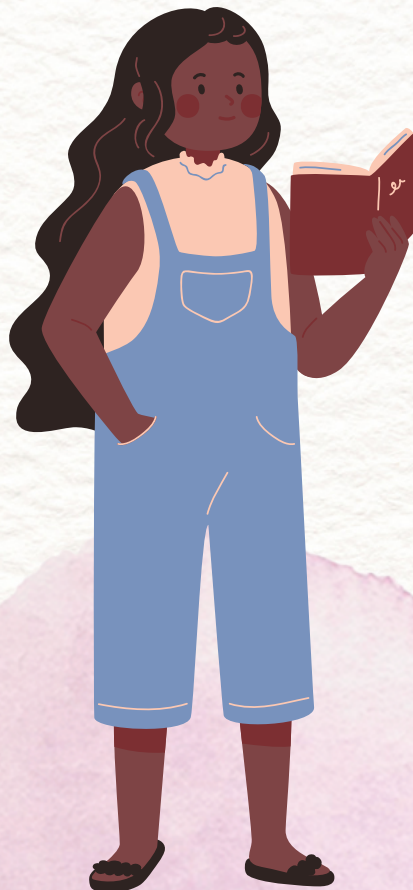
A implantação da “biblioteca livre” foi pensada como um abono dentro do projeto, a qual deve ser deixada sob responsabilidade dos integrantes do círculo, a fim de que se engajem nas ações de incentivo à leitura, protagonizando dentro da comunidade.



Jovens como mediadores

Com a finalidade de cumprir o último objetivo do projeto, que seja: incentivar o protagonismo juvenil na comunidade, podendo agir dentro e fora do "círculo de leitura" e desenvolvendo habilidades de mediadores deste processo, é que se deve propor a replicação das intervenções com outros jovens da comunidade.

O mediador escolhe três jovens participantes do círculo, os quais devem seguir os mesmos passos de implantação aqui descritos: busca ativa, reprodução e aplicação das técnicas aprendidas durante os encontros do círculo. Importante que o encontro seja supervisionado pelo mediador, para que, assim, possa dar uma devolutiva de desenvoltura para os jovens replicadores.



Sustentabilidade

A ideia é que se crie uma cultura de leitura e diálogos na comunidade, uma cultura de encontro, de movimentos juvenis e de luta através das representações comunitárias. Que os próprios jovens passem a tomar o lugar dos orientadores sociais, que estes possam ocupar os espaços e perpetuar essa prática.

Não é só leitura, não é somente livros, é muito mais: é o entregar e receber algo, é partilhar muito mais que palavras, é revelar sentimentos, é se despir de antigos preceitos dando lugar a novos.



Café literário

Ao final de cada livro, ainda com a sensação de estar dentro da história, é proposto aos jovens que criem, a partir da sensação vivida do enredo e das vidas contadas a partir dele, textos, poesias, desenhos, entre outros.



Essas produções podem ser apresentadas em um café literário na praça, cada participante pode levar um ou mais convidados, a apresentação das produções seriam feitas pelos autores ou por um representante de sua escolha. O diálogo ocorre livre, o momento é festivo, de partilha não só de leitura, mas de afeto.

Divulgação



Estamos, inegavelmente, na era da internet, portanto, a divulgação dos encontros, leituras e criações podem e devem ser feitas através das redes sociais, assim, alcançando um número significativo de pessoas, e incentivando que ações como essas sejam valorizadas e replicadas.



Palavras finais

O sertão não é retrocesso, é vivo, é pulsante. As pessoas se ajudam, valorizam a comunidade e querem vê-la crescer. Se veem na construção dessa jornada de desenvolvimento, porém, é inegável que precisam de subsídios para que isso seja possível, um olhar ampliado para os jovens do meio rural, que têm sonhos compatíveis com seu contexto de vida.

O projeto literário é um instrumento de mudança, tendo em vista que o livro é muito mais que somente palavra geradora. A leitura traz modelo de comportamento, descrição de sentimentos, une as pessoas por afinidade, pode ajudar no enfrentamento de medos sociais. Assim, a depender da forma como se media esse processo, os resultados podem ser deveras satisfatórios.

É importante ressaltar que, as técnicas contidas nesta cartilha, são apenas sugestões e que cabe a cada mediador escolher o modo de trabalho que melhor lhe convém.



Referências Bibliográficas

COSSON, R. Círculo de leitura e Letramento Literário. 1ªed. São Paulo: Editora Contexto. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2013. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/132SI>

DIEESE; NEAD; MDA. Estatísticas do meio rural. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. São Paulo, 4.ed. 2011.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, P. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

GONÇALVES, H. S. et al. Problemas da Juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Psic. & Soc.*; v. 20, n.2, p. 217-225, 2008.

KUMMER, R. E COLOGNESE, S. A. Juventude rural no brasil: entre ficar e partir. *Tempo da ciência*. V.20, n.39. 2013

Lévy, A. Ciências Clínicas e Organizações Sociais. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

MENEZES, M. A., STRAPASOLAS, V. L. e BARCELLOS S. B. Juventude rural e políticas públicas no Brasil. Brasília: Presidência da República, 2014.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesqui. prá. Psicossociais* [online]. vol.12, n.2, pp. 466-485. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 set. 2022.

OLIVEIRA, JR. O.; PRADO. M. A. M. A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração. In. LEITE, J. F e DIMENSTEIN, M. (Orgs.) *Psicologia e contextos rurais*. Natal/RN: Editora da UFRN, p. 57-87. 2013.

RICHINITTI, G. Literatura: o potencial humanizador da mais solitária das artes. *Criação & Crítica*, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/172753/167045>. Acesso em: 10 de março de 2021.

SEM, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo. Companhia das letras, 2000

SILVA, L. B., FEITOSA, M. Z. S.; NEPOMUCENO, B. B. Apoio social como modo de enfrentamento à pobreza. In. XIMENES, V. M., NEPOMUCENO, B. B. e CIDADE, E. C. (Orgs.) *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p.289-310. 2016

Vai Virar Mar
Poliana S. Fonteles, 2022

FICHA TÉCNICA

Universidade Federal do Ceará (UFC) - Campus Sobral - CE
Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas
Autora: Poliana S. Fonteles

Orientadora: (Doutora) Isaurora Claudia Martins de Freitas
Captação de Imagens: Valéria S. Fonteles
Ilustração de capa: Monalisa Bastos
Diagramação: Kariane Moreira
Revisão: Camila M. V. Ferreira

Fonteles, Poliana S.

Vai Virar Mar / Poliana S. Fonteles ; Sobral, CE: Universidade Federal do Ceará - UFC, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas, 2022.

24 p.

1. Círculos de Leitura. 2. Contexto Rural. 3. Juventude. 4. Projeto Literário.